

O TRABALHO DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE FLORES EM SÃO BENEDITO, CEARÁ

Marília de Araújo Fontenele¹; Aldiva Sales Diniz²

¹Estudante do Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia – CCH/UVA; e-mail: mariliafontenele2015@gmail.com

²Docente/Pesquisadora do Departamento de Geografia – CCH/UVA; e-mail: aldivadiniz@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho buscou analisar as condições do trabalho das mulheres no agronegócio das flores no município de São Benedito. Contudo é sabido que a luta pela valorização do trabalho feminino não foi e nem é fácil, falta democracia, justiça e reconhecimento às mulheres que muitas vezes tem em seu trabalho menos reconhecimento que o sexo masculino uma vez que desempenham as mesmas funções. Estudamos a produção de flores na serra da Ibiapaba que vem recebendo novos investimentos de empresas privadas e onde o trabalho feminino passa a ser explorado para geração de uma economia e de interesses particulares. Discutimos ainda a real necessidade de investimentos voltados ao setor florístico ao invés da produção de alimentos. A metodologia de história oral permitiu maior compreensão dessa realidade por meio da observação dos fatos, de relatos de falas e de silêncios.

Palavras-chave: Trabalho feminino; Agronegócio; História Oral.

INTRODUÇÃO

A emancipação feminina por se constituir numa mudança paradigmática, cultural e familiar, levou a mulher a superar sua condição de submissão, expressa até o início do século XX, e se inserir no mercado de trabalho gerando uma nova configuração do papel da mulher na sociedade. Neves (2013) aponta que a presença feminina no mercado de trabalho é caracterizada por continuidades e mudanças. E ainda diz que a atividade fora de casa a partir de 1980 se tornou tão importante quanto à maternidade confirmando assim o valor das atividades ocupacionais desenvolvidas pelas mulheres nos mais diversos setores da economia.

Estudamos a realidade do trabalho feminino dentro das empresas que vieram ao município Ibiapabano com o objetivo de produzir flores dando o início o chamado “agronegócio das flores.” Na realidade do município de São Benedito recorte estudado, essas empresas se apropriaram da mão de obra local, sobretudo das mulheres para crescer nos ramos florístico. A grande quantidade de trabalhadores disponíveis que, por falta de oportunidades e investimentos no campo, restava somente trabalhar em algum pequeno empreendimento ou a migração para outras regiões foram em especial às mulheres que passaram a comandar a maior parcela do trabalho nesse setor. O trabalho dessas mulheres se mostra submetido a duras jornadas com horas extras e sempre as mantendo de pé em alguma esteira onde estas montam as hastes e arranjos florais conforme a demanda exigida.

A Cuesta da Ibiapaba, também conhecida como Serra Grande ou Serra da Ibiapaba, está localizada na mesorregião do Noroeste do Ceará, na divisa com o estado do Piauí. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), a chapada da Ibiapaba conta com uma população superior a 335 mil habitantes, distribuída em oito municípios: São Benedito, Guaraciaba do Norte, Carnaubal, Croatá, Ubajara, Ibiapina, Viçosa do Ceará e Tianguá. Juntos, tais municípios fazem da Ibiapaba uma referência na produção de hortaliças e verduras.

O município referente ao objeto de estudo desta pesquisa, apresenta uma área de 338,149 km², distante cerca 360 km da capital cearense, Fortaleza. Com uma altitude de 903 metros, possui no comércio e serviços (79,64%) e na agropecuária (14,56%) suas principais fontes de renda (IPECE, 2017). Em relação à economia, São Benedito se destaca na produção de morangos e rosas. As exportações das flores alcançam vários estados do Brasil e até outros países como a Holanda que segundo Rocha (2006) esse país continua como destino principal dos produtos da floricultura brasileira que vendem os produtos em suas feiras locais. A realidade aqui proposta é como se dá as reais condições de trabalho das mulheres dentro desses modelos capitalista de produção que só visam o lucro e a exploração da mão de obra local.

METODOLOGIA

Buscando em campo, algo diverso de nossas afirmações e preconceitos sobre o tema, razão porque a história oral foi de grande importância, haja vista que é uma metodologia que oferece meios de conhecer a realidade a partir dos sujeitos sociais e suas experiências pessoais, ou seja, a subjetividade, que são nosso objeto do estudo.

O mecanismo de análise e compreensão existente na história oral nos levou a uma visão que vai além das falas e registros adquiridos. Por meio dela o pesquisador se deparou com conteúdos novos e respostas subentendidas que posteriormente darão um novo direcionamento a pesquisa.

Vê-se que as memórias coletivas impostas e descendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e das estruturas institucionais de uma sociedade. Assim, o denominador comum de todas essas memórias, mas também as tensões entre elas intervêm na definição do consenso social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. (Pollak, 1989, p. 9)

Destacamos que escolhemos duas mulheres para serem entrevistadas sobre o trabalho na produção de flores. Foi objetivo analisar o trabalho das mulheres nesse ambiente destinado a um serviço especializado que é produzir flores e plantas ornamentais e suas condições de trabalho diante das exigências e demandas da empresa. Recorreu-se a entrevistas com duas trabalhadoras que timidamente e de forma muito temerosa se dispuseram a responder as perguntas direcionadas às condições de trabalho que exige uma determinada técnica para que elas cumpram com as metas diárias impostas pela empresa. A metodologia adotada permitiu ampliar nossa visão sobre os fatos

pesquisados, onde o contato com as novas informações ditas e não ditas nos revela novos meios de sondagem na pesquisa.

Essa possibilidade de explorar além do que as respostas questionadas revelam, nos propõe a lançar um olhar investigativo (Portelli, 1997) e atento às informações fornecidas durante a realização da pesquisa, uma vez que nem sempre as entrevistadas se sentem dispostas ou mesmo seguras para narrar suas “reais” realidades, bem como seus anseios e expectativas. Para Fortunato (2004) muitos dos fatos obtidos ou registrados em história oral não estão registrados em outros tipos de documentos consistindo assim na busca de fatos e afirmações através das narrativas. O que acaba sendo um problema real, pois durante nossas entrevistas, notou-se certo receio em falar sobre os pontos negativos, onde as entrevistas negaram-se a falar sobre alguma dificuldade no exercício do trabalho.

PROBLEMATIZAÇÃO

A floricultura é considerada uma atividade que desenvolve a produção de plantas ornamentais e flores. Conforme Costa (2016) os produtos associados tratam-se: de flores temperadas, principalmente rosas, flores tropicais, folhagens, bulbos e plantas ornamentais que são usadas preferencialmente por donos de floriculturas e empresários da ornamentação de espaços.

A chegada de empresas do ramo florísticos ao município de São Benedito tem mostrado a força de apoio do estado em relação ao agronegócio. Baseados em Camacho (2009) é possível ver o quanto as políticas voltadas ao modelo do agronegócio exclui os pequenos agricultores, que retiram da terra, e seu sustento e de suas famílias. Na década de 1990, empresas como a CeaRosa e a Reijers, criaram seus mercados exportadores o que as mantém até hoje como pioneiras na produção local da Ibiapaba. Na Serra da Ibiapaba as atividades desse setor ainda não eram destinadas ao comércio em larga escala, mas somente ao comércio local.

Quando analisamos criticamente que os investimentos governamentais se voltam à produção de flores, é pertinente fazermos os seguintes questionamentos: porque em um estado que possui dificuldades econômicas, onde a maioria dos municípios passa por problemas socioeconômicos, onde a desigualdade social é alarmante, onde a necessidade da produção de alimentos é urgente, as propostas políticas econômicas e de incentivo ao desenvolvimento se voltem para dar auxílio aos grandes empresários do agronegócio? Tais benefícios tendem a negar o apoio aos milhares de nordestinos e pequenos proprietários que esperam nas políticas governamentais, incentivos para suas produções.

O fato de que o espaço seja chamado a ter cada vez mais um conteúdo em ciência e técnica traz consigo um grande acervo de consequências, a primeira das quais, certamente, é uma nova composição orgânica do espaço, pela incorporação mais ampla de capital constante na instrumentalização do espaço (instrumentos de produção, sementes selecionadas, fertilizantes, pesticidas, etc.) ao mesmo tempo em que se dão novas exigências quanto ao capital variável indispensável. Como consequência das novas condições trazidas pelo uso

da ciência e da técnica na transformação do território, há menos emprego ligado à produção material e uma maior expressão do assalariado em formas diversas (segundo os países e segundo regiões em cada país), uma necessidade maior de capital adiantado, o que vai explicar a enorme expansão do sistema bancário. (SANTOS 2013, p.66)

Assim acontece na rica Ibiapaba que conta com uma produção de frutas e hortaliças capaz de abastecer várias cidades do Ceará, além de populações de muitos municípios de outros estados como Piauí e do Maranhão, que também tem suas cidades beneficiadas por meio da agricultura desenvolvida na região. Cada vez que esse modelo econômico de produção capitalista adentra as pequenas realidades, há uma mudança na forma natural das comunidades se organizarem e produzirem seus alimentos.

Esses modelos são responsáveis pela inserção de sementes transgênicas, além dos pesticidas e fertilizantes que movimentam o capital e enriquecem os países que os fabricam. Mesmo com todo esse potencial produtor oferecido pela Serra da Ibiapaba, ainda parece ser mais viável ao Estado investir no agronegócio e não nas pequenas propriedades camponesas que movimentam a economia local.

Esse modelo comandado pela agricultura capitalista tem expulsado o campesinato, territorializando grandes proprietários fundiários e empresas rurais orientadas para a produção de monoculturas destinadas a exportação em oposição à demanda por alimentos. Destarte, a miséria, pobreza, violência, expulsão dos camponeses do campo, degradação ambiental e o fim da diversidade agrícola são consequências do agronegócio. É preciso destacar ainda que este modelo nega a gravidade da concentração da terra e ignora a manutenção do rentismo fundiário. (ROOS, 2012, p. 4)

O Agronegócio das flores é considerado de alto valor comercial embora seu curto ciclo de produção leve a um rápido retorno financeiro, conforme Terra (2013) esse ramo tem um alto custo dos produtos se comparados a outros produtos como frutas, hortaliças e legumes, esse fato já exclui os pequenos proprietários descapitalizados e sem poder de competição com essas empresas, que são diretamente beneficiadas com políticas públicas estatais voltadas exclusivamente para atender as necessidades do setor. O Estado com seus pesados incentivos fiscais, financeiros e infraestruturas tem investido nessas práticas e desta forma deixando de investir em políticas públicas que venha a beneficiar o pequeno e médio agricultor da Ibiapaba que são os responsáveis pela produção e abastecimento de alimentos para as várias cidades do Ceará e algumas cidades do Maranhão e do Piauí, através da Ceasa de Tianguá – focam apenas nos incentivos às grandes empresas do ramo. Desse modo a município produtor cabe ter seus recursos e sua mão de obra explorada por empresários que só buscam o lucro e o crescimento de seus investimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa nos mostrou uma nova perspectiva a cerca da produção de flores e hortaliças na Serra da Ibiapaba e do atual modelo econômico dos grandes empresários do agronegócio em parcerias com o Estado. Percebemos tais modelos do agronegócio adentrando os pequenos e

grandes espaços produtivos por meio dos interesses capitalista de uma minoria que usa e explora a força de trabalho nos lugares escolhidos para a geração de riquezas. O uso da metodologia de história oral para a compreensão do papel feminino na produção de flores no município de São Benedito foi o elemento indispensável para um estudo e compreensão da realidade do objeto da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Gratidão ao Mestrado Acadêmico em Geografia através da Universidade Estadual do Vale do Acaraú que nos possibilita crescer através do conhecimento. À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pela oportunidade de tornar viável o mundo da pesquisa. Também à professora e orientadora Dra. Aldiva Sales Diniz, por caminhar comigo nesse projeto e me apoiar nos estudos. Aos colegas do curso pelas partilhas de vida e ajuda mútua em diversos momentos.

REFERÊNCIA

CAMACHO, Rodrigo Simão. O Agronegócio Latifundiário Versus a Agricultura Camponesa: A luta política e pedagógica do campesinato. In: **XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária**. Anais (Online) São Paulo: AGB/TL, 2009, p. 1-34.

COSTA, Kassia Kiss Silva; SANTOS, Camila Dutra. A reestruturação produtiva e produção de flores no planalto da Ibiapaba-Ce. In: **XXIII ENGA ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**. Sergipe, 09 a 13 de Dezembro de 2016.

FORTUNATO, Elisabete; RUSCHEINSKY Aloisio. A história oral na pesquisa social sobre espaço urbano. **Biblos**, Rio Grande, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 05 de maio, 2018.

IPECE. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará. **Perfil Básico Municipal de São Benedito**. 2017. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/perfil_basico_municipal/2017/Sao_Benedito.pdf Acesso em: 08/06/2018.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Caderno de pesquisa** v. 43, n. 149, P. 404 -441, Maio/ ago. 2013.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro vol. 2, n. 3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista História**, São Paulo, fevereiro 1997.

ROCHA, Luzianny Borges; SAMPAIO, José Levi Furtado. A produção de flores no estado do Ceará em Baturité, Redenção e São Benedito. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza. V.8, p. 139-139, 01 jul. 2103.

ROSS, Djoni. **A disputa pelo território**: Agricultura Camponesa versus agronegócio nos

assentamentos do Centro-Sul Paranaense. In: **XXI Jornada do Trabalho**. São Paulo: FCT/UNESP. 09 a 12 de outubro de 2012.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões: O pensamento político Brasileiro**. 2ª ed. Brasília: Fundação Ulysses Guimarães, 2013.

TERRA, Simone Braga; ZÜGE, Deise Patrícia Portela de Oliveira. Floricultura: a produção de flores como uma nova alternativa de emprego e renda para a comunidade de Bagé-RS. Revista **Conexão UEPG**, v.9, n. 2, Ponta Grossa jul./dez.de 2013.